

ENTREVISTA

***Dr. Nathalie Hostiou (Instituto National de la Recherche Agronomique/
METAFORT - França)***

11/06/2010

Márcio: *Em relação a sua experiência vivida em Belém-PA, o que te marcou mais em relação à agricultura familiar, entre suas práticas e o contraste com a modernidade, pois você vem de uma realidade onde o acesso à modernidade, novas formas, novas gestões é muito maior, como é que foi a sua experiência com esse “choque” cultural que você viveu nesses 8 anos em Belém-PA?*

Nathalie: Quando vim ao Brasil pela primeira vez, em Belém, foi através de um convênio entre Embrapa Amazônia e CIRAD (Centro de Pesquisa Francês, que mantém parcerias com mais de cinquenta países tropicais localizados na África, Ásia e América do Sul). Foi no contexto do mestrado, dentro de um projeto sobre a viabilidade e a sustentabilidade da agricultura familiar nas frentes pioneiras. Pois em Belém há muitos produtores familiares que atuam nas frentes pioneiras de desmatamento, desmatando a floresta da Amazônia. O projeto era justamente entender melhor quais as razões, as práticas desses produtores, e tentar melhorar a viabilidade deles e conhecer melhor o impacto sobre o meio ambiente que estão causando. Será que os produtores estão desmatando tanto assim como costumam dizer? Então eu trabalhei oito anos, fiz o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado sobre essa questão da sustentabilidade na agricultura familiar e na produção leiteira, justamente para conhecer melhor o que os produtores estavam fazendo e como eles estavam manejando o gado. A situação da Amazônia não tem nada haver com o contexto francês, porque lá tem pouca mecanização, muito trabalho manual e muitas vezes os produtores tem poucas escolhas para a produção.

Márcio: *Como você se sentiu chegando com um aporte de informações técnicas, uma série de possibilidades se deparando com uma realidade que por conta dessas carências, por conta dessa situação difícil, existe resposta que eles dão muitas vezes que mostram essa diferença de realidade, como que você vê isso, das respostas dos produtores?*

Nathalie: Na verdade o que eu vi no contexto é que muitas famílias na Amazônia vem do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo ou então do Nordeste, muitas famílias vieram com o objetivo de melhorar as condições de vida trazendo toda a experiência da região de origem deles. Muitas vezes o que acontece é que a experiência deles num contexto diferente não dava conta no contexto da Amazônia, porque o clima é diferente, as terras são diferentes, por que o apoio e os auxílios são diferentes. Então tinha toda aquela fase, os produtores tentavam melhorar os manejos, as práticas deles, assim aos poucos tentando sustentar a família. Acho que a força da produção da agricultura de lá vem da força dos produtores em se adaptar ao contexto da situação.

Márcio: *Você percebeu muito contraste em relação a essa experiência recente com a agricultura familiar que vocês estão vendo aqui no Sul do Brasil, mais especificamente aqui do Sul do Paraná com aquela experiência que você teve lá? Como que você vê esse contraste, da realidade do Sul com a realidade do Pará e a realidade europeia que você conhece?*

Nathalie: A diferença maior que se tem é a distância do produtor com o mercado e o apoio de uma extensão rural que ele pode ter. Onde eu trabalhei na Amazônia muitos produtores estavam longe da cidade, longe dos mercados, longe do apoio técnico. Aqui, já não, a situação que eu conheço é de colonato.

Márcio: *Tem a questão da proporção continental ?*

Nathalie: É muito grande, é tudo muito longe. Uma cidade fica a mais ou menos 100 ou 200 quilômetros de distancia de outras cidades. Aqui já não, o produtor já tem a capacidade de estar na cidade, ter mais informação, conversar com os outros produtores e vender o produto dele.

Marcio: *No caso brasileiro quanto à questão da organização do trabalho na agricultura familiar, quais são as maiores dificuldades que você percebe? Quais as dificuldades que você vê com essa experiência no Brasil?*

Nathalie: Aqui a dificuldade mesmo é a falta de mecanização, muito do trabalho é manual, a ordenha nem tanto, mas em propriedades que visitamos o corte de cana de açúcar é manual, um trabalho penoso fisicamente, isso faz com que os filhos de produtores não queiram ter o mesmo estilo de vida que os pais, porque sabem que na roça o trabalho é penoso. Também verifiquei em cinco entrevistas que realizei com produtores, com idade entre 20 e 50 anos, que trabalham com o leite que dizem que vão continuar trabalhando com o leite porque gostam daquela atividade, eles podem até ter outras atividades, mas o foco deles é a produção de leite. Quanto à produção na terra se fala muito que o trabalho é difícil e penoso, mas muitos produtores preferem continuar na atividade por escolha própria.

Márcio: *Acho interessante esse seu argumento no sentido de ser propositivo, proativo, no sentido que, se queremos manter o produtor no campo é importante pegar esses exemplos e explorar e perceber quais as motivações que fez com que ele tenha essa posição para melhorarmos o argumento, e a discussão sobre a manutenção e retenção dessa população no campo.*

Nathalie: Comentei bastante com o prof. Júlio, como apoiar o jovem filho do produtor para ficar na propriedade, como ele pode ver o futuro da propriedade, como ele pode ver o futuro da sua família. Outra coisa também é importante, como os produtores podem trabalhar juntos na taxa de comercialização do leite, que muitas vezes quem decide é o laticínio, se cada produtor ficar isolado, não tem como discutir com o laticínio. Também na França o que podemos levar de experiência é que lá são os produtores que estão se juntando justamente para trabalhar em

conjunto para ter produtos diferentes que o laticínio não tem, para agregar valor, com queijo, com produtos diferentes que tem uma forma de produzir da região.

Márcio: *Como é que você vê está coexistência entre a produção agrícola de alta tecnologia em grande escala da grande propriedade com a produção familiar, qual sua leitura macro política e macro econômica da estratégia da convivência entre estas duas realidades. Essa é uma situação que a França vive um pouco menos embora exista algumas grandes propriedades lá, mas bem menos do que aqui, o que você acha disso?*

Nathalie: eu acho que na França a produção em grande escala tem pouco, a maioria são propriedades familiares, são propriedades grandes, mesmo sendo produtores familiares, e podem usar mão-de-obra contratada. Produção familiar na França é um pouco diferente da produção familiar aqui no Brasil, mas acho que os dois têm como produção de larga escala na fazenda, na produção de grãos, por exemplo, e a agricultura familiar, no Brasil, podem coexistir, embora exista uma falta de intercâmbio, de troca entre os dois. Parece que tem de um lado a agricultura familiar e do outro lado à produção empresarial, então não tem ligação, não tem relacionamentos entre os dois.

Márcio: *E você acha que deveria ter?*

Nathalie: Acho que deveria ter mais, justamente porque, por troca de experiência, por apoio que uns poderiam ter com os outros. Pra mim não é só concorrência

Qual o papel da agricultura familiar no Brasil? Será que é pra manter os agricultores no interior, para alimentar o Brasil, para alimentar o mundo inteiro? Enquanto que o papel da agricultura empresarial no Brasil é um pouco mais claro que é para exportar.

Márcio: *Você acha importante a intervenção do estado nesse processo?*

Nathalie: acho que sim, não sei bem responder porque estou um pouco longe do que o governo tá fazendo na parte da agricultura,, mas também acho que pode expor projetos, dar apoio, dar a

formação dos estudantes que vão depois trabalhar nas propriedades, no acompanhamento das propriedades. Justamente estimular o relacionamento, a relação desses dois tipos de agricultura. (agricultura empresarial e agricultura familiar).

Marcio: *A redução de população das pequenas cidades, desaparecimento de pequenas cidades, empobrecimento do meio rural no que diz respeito à questão humana. E aí a tua fala da questão da intervenção do estado eu acho que isso é extremamente importante que é outra constatação que a gente acabou chegando é que a agricultura familiar para ela se viabilizar precisa de uma mudança de comportamento do consumidor e nós enquanto cidadão, temos que mudar nosso comportamento de consumidor, de consumo,. Que é na economia solidária chamado de consumo consciente.*

Júlio: Isso, consumo consciente e a questão da multifuncionalidade temos que incorporar na nossa cesta de produtos a paisagem que a gente enxerga quando vamos ao campo, a manutenção dos recursos hídricos do solo, do equilíbrio biológico, a diversidade biológica mantida e quem cuida disso é o próprio homem, então é esse o contexto que eu gostaria de deixar claro.

Marcio: *Muito bom Júlio! Então acho que podemos concluir aqui a nossa entrevista. Agradeço a contribuição que você trás. Obrigado. Agradeço ao professor Júlio Damasceno, professor de zootecnia que está articulando esse convênio, entre Zootecnia, Geografia, Emater e o INRA.*